

NARRATIVAS DE UM CAÇADOR DE *GUARDADOS* NAS MISSÕES SUL-RIOGRANDENSES

NARRATIVES OF A *GUARDADOS* HUNTER AT THE COLONIAL SPANISH MISSIONS IN RIO GRANDE DO SUL

Flávio Leonel Abreu da Silveira¹

Resumo: O artigo em questão propõe uma reflexão sobre a memória coletiva no contexto sul-riograndense, a partir das narrativas de um personagem fundamental na pesquisa etnográfica realizada na região das Missões, Seu Juca Tigre. Trata-se de um contador de causos que detém um rico conhecimento e um acervo de narrativas sobre a prática local de procurar tesouros enterrados, também denominada de “campear dinheiro-oro”.

Palavras-chave: Memória coletiva; Narrativa; Tesouros.

Abstract: This paper reflects on the collective memory in the context of Rio Grande do Sul state, considering the narratives of “Seu Juca Tigre”, a local community member, who have played a central role during the ethnographic research conducted by the author in the region of the colonial Spanish missions. “Seu Juca” is a singular storyteller with a precious knowledge of the narratives about the local practice of seeking buried treasures, also called “campear dinheiro-oro”.

Keywords: Collective memory; Narrative; Treasures.

1 O *LOCUS* DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

Durante os anos de 2001 e 2002 realizei pesquisa etnográfica na porção noroeste do estado do Rio Grande do Sul, conhecida como região das Missões. Naquele período de permanência na região centrei as minhas atividades na pequena cidade de São Miguel das Missões, onde está situado o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo e as ruínas da catedral barroca do *pueblo* de mesmo nome, erigida pelos Guarani sob orientação dos jesuítas espanhóis ao longo do chamado Segundo Ciclo Missioneiro – caracterizado pela edificação de cidadelas que seguiam o modelo das cidades espanholas – constituindo, assim, um período reducional que durou 150 anos, entre os séculos XVII e XVIII.

No decorrer da pesquisa de campo dialoguei com vários “contadores de causos” que vivem em diversas localidades situadas na região missioneira gaúcha (incluindo os locais onde se encontravam outrora os *Siete Pueblos de las Misiones* inseridos na *Provincia del*

¹ Doutor em Antropologia Social. Professor Adjunto - Universidade Federal do Pará (UFPA). Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA). flabreu@ufpa.br

Paraguay). A expressão local “contadores de causos” identifica os personagens que narram as memórias épicas da região, pois são pessoas reconhecidas nas comunidades como detentoras da memória coletiva do lugar, encarnando, portanto, a figura benjaminiana do “guardião da memória” (BENJAMIN, 1980), ao mesmo tempo em que se revelam *performers* (ZUMTHOR, 1997) que interpretam as suas histórias e animam as platéias ao interagirem com elas nas rodas de chimarrão onde contam os seus causos, tratando-se de momentos fundamentais para a experiência de sociabilidade campeira e para o repasse das narrativas aos demais.

As narrativas sempre situadas nas paisagens missioneiras do “antes-tempo” (um tempo impreciso, borrado pela névoa do esquecimento e que engendra o embaralhamento das datas, transfigurando o caráter histórico do evento pela dimensão mítica da experiência coletiva com os lugares praticados (CERTEAU, 1994) por uma civilização mestiça pelo menos desde o século XVII (SILVEIRA, 2005a). Sendo assim, tais causos indicam:

- 1) a presença dos padres espanhóis e dos indígenas nas reduções jesuítico-guarani, considerando a faina e os labores nas Missões;
- 2) os combates terríveis ocorridos durante as guerras guaraníticas (entre 1750-54), quando ocorreu um verdadeiro genocídio indígena, acarretando “a fuga” dos jesuítas – na realidade a expulsão dos padres pela política impetrada pelo marquês do Pombal – e o processo de destruição das reduções e a constituição das paisagens ruiformes;
- 3) as guerrilhas de fronteira e as revoluções intestinas que ocorreram naquela área pelo menos desde o século XVIII alcançando a primeira metade do XX, quando a presença de bandos guerreiros (*montoneras*, saqueadores, revoltosos) liderados por caudilhos e caudilhetes atacavam as pequenas propriedades e as grandes fazendas na região;
- 4) a existência de um universo de assombrações ou visagens (chamadas “visage”) que deambulam medonhas, constituindo as paisagens fantásticas missioneiras, relacionadas com as “entidades culturais imaginárias” (LEZAMA LIMA, 1988), vinculadas ao imaginário cujas raízes remontam o maravilhoso do período da conquista americana e que se desdobra em fantasmagorias relacionadas a assombros que indicam a presença de espectros dos mortos em batalhas campeiras; de enterramento de riquezas e tesouros;
- 5) as práticas cotidianas de manejo das paisagens de pertença, seja pela lida com “as criação”, tais como o gado (bovino, cavalari, ovino, suíno, mas também, os galináceos), pelo cultivo de

roças ou no trabalho como peões nas fazendas ou nas atividades domésticas, por parte das mulheres.

2 O CONTATO COM O NARRADOR

Seu Dorcino, senhor que mora na Vila da Alegria – pequena vila situada na periferia da cidade de São Miguel – e uma das pessoas que muito me auxiliou ao longo da pesquisa, falou certa vez sobre um homem que conhecia e que, segundo me informou, se disponibilizara a conversar comigo. Tratava-se de seu Juca Tigre que, de acordo com o senhor, sabia contar muitas histórias envolvendo os chamados enterros de dinheiro, também denominados de “guardados” ou “enterro de dinheiro-oro”. Tratava-se do primeiro “campeador” (campear seria o mesmo que procurar e, neste caso, sinônimo de caçador) de tesouros que conheceria desde a minha chegada à região missioneira, portanto, estava ansioso por conhecê-lo. Marcamos a nossa visita a sua morada para a tarde do dia seguinte.

Neste dia, pela manhã, estava na casa de seu Emílio – outra pessoa importante na minha pesquisa etnográfica – quando chega um senhor que veio visitá-lo. Durante a conversa ele diz diante da insistência do dono da casa para que ficasse que precisava ir embora porque ainda devia realizar algumas atividades naquela manhã. Segundo ele, “hoje de tarde tem um hôme que qué falá comigo”, deixando claro que seu Dorcino iria levá-lo em sua casa. Tratava-se, por certo, da sabedoria do “homem missioneiro” (FREYRE, 1973) em ação, pois como as notícias correm rápidas na cidade o senhor sabia que esse homem era eu, vindo assim falar com seu Emílio, ao mesmo tempo em que “mapeava” o estrangeiro. Descobri então, que aquele era o contador de causos com quem conversaria mais adiante. Confirmei que eu era o “hôme” e rimos da situação. Antes de se despedir mencionou que me aguardaria em sua casa, sinalizando que de fato aceitara dialogar comigo.

À tarde, seguimos até a casa de seu Juca Tigre que fica na mesma rua em que mora seu Loderito, um senhor casmurro, sogro da filha de seu Dorcino. A morada de seu Juca é muito modesta, bastante limpa e o jardim arborizado, sendo que a vegetação cobre a entrada da casa deixando à vista apenas o cercado e o portão – ambos de pequenas dimensões – que delimitam a singela varanda. A impressão que tive é a de que entrávamos num refúgio como um tipo de redoma que protege aquele que adentra no recinto, talvez como num ninho, lembrando-me os devaneios bachelardianos acerca da morada.

Na realidade, seu Juca vivia meio isolado na vila, tendo, inclusive, alguns desafetos no local, revelando que tem muita vontade de se mudar daquele local. Atravessamos as várias peças da casa e desembocamos nos fundos, sob um lindo parreiral onde despontavam pequenos cachos de uvas ainda verdes, mas repletos de frutos. Sentamos embaixo desfrutando a sua sombra, pois o sol do lado de fora ainda ardia intensamente.

Seu Juca Tigre é um senhor magro e alto, bastante branco para os padrões locais, marcadamente indiático pela significativa miscigenação com os Guarani. Vive sozinho, mas foi casado por muito tempo com dona Universinda, senhora negra que pinta o cabelo de vermelho, às vezes de caju e que mora nas proximidades do Sítio Arqueológico. Como me disseram, é um grande contador de causos e “encorda” um atrás do outro. Trata-se de um senhor que à época possuía 73 anos de idade e que há muito procura tesouros enterrados. Afirmou em relação a eles: “campeio mesmo!”

Certa vez fui até a roça que seu Juca Tigre cultivava na Horta Comunitária, área cedida pela prefeitura à população para o plantio de suas roças. A área em que o idoso mantém o seu cultivo contrasta com as cercanias. O quadro de terra em que labuta, apesar da seca que ocorria naqueles tempos, apresentava o viço de sua modesta lavoura cuidada com apreço, apresentando-se como o oposto das roças presentes nas circunvizinhanças. Mostrou-me orgulhoso o fruto de seu trabalho, onde as linhas de cultivo apareciam delineando um quadro bem organizado, limpo de inços, ou seja, um espaço manejado em que as espécies vegetais comestíveis vingavam sob o olhar cuidadoso do ancião. Havia feijão, morango, mandioca entre outras plantas no local destinado ao idoso para o exercício do cultivo. No entanto, queixava-se de roubos, de que os frutos e vagens que nem bem maturam e já são roubados “pelas rafoage” que existem na Vila da Alegria.

3 OS CAUSOS DO CAMPEADOR DE *GUARDADOS*²

Durante as nossas conversas o assunto sempre girava em torno de um tema em especial: a existência de inúmeros “guardados” presentes na região missioneira. No meu ponto de vista, este senhor é a figura que melhor encarna aquela do “campeador” de “guardados”; dos homens que perseguem o “dinhero-oro” nas Missões, acumulando um

² Noutro artigo discuti alguns aspectos da prática de campear tesouros enterrados na região missioneira, a partir do diálogo com outro narrador, seu Luís, quando discuto mais detalhadamente a poética das narrativas e o caráter performático do ato de narrar, ver Silveira (2005b).

acervo de narrativas que animam o imaginário local e cujas imagens constelam em pontos específicos das paisagens locais, tais como os capões de mata nativa; árvores enormes como figueiras, umbus e timbaúvas; casas antigas; coxilhas e canhadas onde os campos se espraíam³.

A partir desta altura do artigo busco demonstrar a riqueza de suas narrativas. O que segue, portanto, são excertos de diálogos com o senhor, que demonstram o seu conhecimento acerca do assunto sempre envolto em segredos e mistérios, bem como as suas peripécias em torno da prática nativa de procurar tesouros enterrados desde os tempos de outrora. De acordo com seu Juca⁴:

“O véio tinha só um pequinha⁵ de caçá tatu! Diz-que existia uma fazenda no costado que entrava lá, tinha os cachorro, dois o três bordogue que arcançava. Era um cachorro sábio! E o dono da fazenda matava também! Então, o véio tinha aquela: caçava e arribava! Na fazenda do véio, do tempo antigo, né! Pegavo pra matá! Diz-que carregavo lá pra baxo!

Porém, diz-que, ele entrava num capão, o cara tinha um cavalo tordio e andava num rodeio, na coxia! Ah, mais o véio bobiô pra traiz! O otro, o hôme não era tanto, mais o bastante era os cachorro! E os bordogue batero no peca do véio, tava na caça. O véio tava na caça!

Ah, a fia e a véia: mataro o fulano! De certo, o dia craiá e nada de aparecê, só o cachorro! Mais, o véio se viu mal, braciô um camboatá bem foiado e se foi lá pras grimpa⁶, por causa dos cachorro!

O fazendero vem de lá de gaiota⁷, mais um, abriro um buraco bem pertinho, por de baxo da madeira que ele tava!

Passô o dia intero! Craro, se é verdade, deu uma tosse nele né! (risos)

Bom! Aí diz-que cavocar, cavocar, cavocar e colocar um caxão. Tinha um rapaiz que era namorado, queria sê da fia dele! Diz, óia fulano, diz aqui, tu vai cuidá disso aqui pra mim, não é pra dexá o pessoal mexê! Pra tirá isso aqui tem que, eu não me lembro agora, o qué que tinha que fazê? Tem que fazê anssim, anssim, pra tirá, senão não adianta!

O véio com o ovido que era uma tocha véia! Oviu tudo! Eles foro embora, o véio boliô a perna e se mandô pra casa! Chegô em casa: vô vortá! Bamo tirá hoje! Vô vortá lá! É

3 Sobre as visagens e as suas relações com a presença dos tesouros, e desses com o período jesuítico-guarani e as guerras de fronteira na região, ver Silveira (2005).

4 Busco manter o mais fidedignamente a maneira como seu Juca Tigre narra os seus causos e constrói o seu pensamento a fim de elaborar as intrigas de suas narrativas (RICOEUR, 1994), extremamente rica em termos missionários e cujo português coloquial escapa a forma erudita do falar, demonstrando, assim, o gênio narrativo que é próprio da chamada cultura popular (CHARTIER, 1995). Além do mais, opto por não destacar a narrativa de seu Juca uma vez que considero a sua narrativa, apesar de diversa, como sendo do mesmo estatuto que a do antropólogo.

5 O mesmo que “peco” ou cachorro.

6 “A galharia mais alta das árvores” (SILVA, 2000:46).

7 “Carroça para pequenos fretes” (SILVA, 2000:45).

verdade, mais dá! Foi ele, a véia e a fia, três. Tiraro o morto de cima do caxão, tiraro todo o dinheiro e botaro ele, e colocaro e taparo!

E o fazendero, pensando que tinha o dinheiro guardado, não tinha mais nada! Em poco tempo, o véio era mais rico, quase que o fazendero! Foi co dinheiro dele, né! E, anssim, todas as coisa!

Agora o véio tirô porque sabia o que tinha que fazê pra... ali, pra tirá, né! Tava sabendo!

Otro também, otra vez enterrô o dinheiro e disse: aqui um cuida desse ponto. Diz, óia, pra vim tirá esse dinheiro aqui tem que vim o noivo e a noiva no dia do casamento! Dançá uma varsa, em cima, aqui! Se não, não tira! Tá! O rapaiz escuitô aquilo.

Ah, deu um jeito de arrumá uma namorada! No dia do casamento, tudo mais: armoçaro. E agora, nós temo que í, nós temo que pagá uma promessa! Nós temo que í em tal lugar, lá no mato! Ímo, porque não! Levô gaitero; dançaro uma varsa em cima. Não sabio o que tavo fazendo. Não demora, vô cavá lá!

No otro dia, foi lá e arrumô, pegô o dinheiro! Então, muitas coisa, não! Tenho visto!

Otros, bem como aqui, agora, no aramado dos Quatro Canto. Tinha um hôme ali, que não se dava com otra pessoa, né! Não se dava com otro! E o otro tinha um guardado pra tirá, mais tinha que matá um lá, pra tirá o dito!

Até, um dia, andemo lá pelo mato, depois o meu irmão disse: óia, cuidado aí! Aí, tem dinheiro, tem que matá gente pra tirá!

Eu sei que nós andava por lá! E ficaro se dando de novo, andô inté meia-noite co hôme, não paravo de pé mais, de bêbado! Inté às onze hora!

E, até hoje, ficô só os fio, morreu o hôme. Até hoje?

E ele não tinha nada! Era capataz duma granja. Hoje, tem uma F1000, novinha! E tem granja por tudo! Matô o coitado do hôme, pra tirá o dinheiro! Isso tem cada coisa feia, não é fácil!

Eu - Cada guardado, então, tem um segredo...

Tem um segredo forte! Pra tirá, como lá, não sei se ela pediu, ou se ela sonhô! Contô como é que é, tá certo, bem encaminhadinho! Contô, pra tirá!

Mais, o guardado pode tirá, mais ficam lá! Um morre lá! Agora, qualé? Ninguém qué ficá, nesse negócio. Então, todas as coisa vai saí! Isso não é fácil!

Eu já vi oveia, de saí pulando e abri a lâ, tosada, tosada. E animal cavalari escramuçando⁸, oiando contra o capão! Um, parece, que descia dum coquerar, rapando o coquero, caindo no chão! Isso eu vi! E um lugar que diz-que tem dinheiro pra enriquecê, deiz família! Num oio d'água!

Esses dia eu tava pensando, o senhor vai lá, de noite, faiz um fogo, fica perto da água. Assim, a água, não, é um desce serra; pinga, pingando no barranquinho!... Tem uma lage, então, a água espaia em toda parte!”

(...)

Eu – “E se aparacer um assombro tem que ficar firme...

Tem que ficá firme, ele não faiz mal pra ninguém! Isso me contaro de um toro vindo; e bufá; e tremê na frente dele! Escarrapacha⁹!

Eu - Ele só vem pra assustar mesmo?

Vem pra assustá, pro cara dexá! Se ele não resisti, não adianta forçá! Perde tempo!”

⁸ Escramuçando, segundo seu Emílio é o mesmo que galopando.

⁹ Escarrapacha é o mesmo que cair ou tombar, conforme seu Emílio.

Agora, o dinheiro tem um segredo grande! Porque o dinheiro, tirá ele, não pode levá vasia (vasilha) pra casa! Tu que sabe! Seja de valor ou não seja, a vasia tem que dexá no lugar onde tirô!

Eu – Por que seu Juca?

Morre! Tem que dexá, três noite!”

(...)

“Agora, o mais que tem é nessas fazenda pra fora, né! Que o tempo da revorta (tosse), um tio meu, ermão da minha finada mãe, ele é morto também! Ajudava o finado Inácio Marque, era parente! Era ministro! Era um rico, mais era nosso parente! Rico nunca é parente de pobre! É difícil! (tosse)

E, esse ajudava a levá as vasia de barro, anssim, pro mato, pra enterrá! Pra escondê!... Mais, era o tempo que o senhor levava junto, mais não podia mexê! Agora, o senhor vai junto, ele le cuida com os capanga! Fica só num, e os capanga ío lá, levava lá! Ficava lá, pra não mexê!

E garrô o mato, as fazenda tão cheia de dinheiro-oro hoje! Garrô mato, pegaro, tiraro tudo! Não ejiste nenhum! Fumo atrás dessa fazenda véia, agora, tá [...] Nóis andemo uma noite caçando tatu! Nóis ía numa picada dessas, até tinha água na picada, um barro, tinha chuvido!

Mais dero-le um grito lá, que até hoje assusta os companhero, um é morto; dois é morto! O meu ermão é morto! (tosse)

Ninguém ficô sabendo de que jeito era aquele grito! Tem porque era mesmo, era mesmo. As veiz aparecia o cachorro correndo tatu! Desse jeito! E é, nesse lugar que eu acho que ainda tem dinheiro enterrado! ... E, lá ejistia uma cabriúva, num cerro, esse cerro foi botado o nome de Cerro do Japécó, era um fio de linha espichado. Fio de arame, direito! Muito bonito!

Mais, o da fazenda foi lá e roçô tudo em roda e limpô! E o cumpadre dele era Horácio. O otro era tio Horácio, também. O senhor visse cumpadre, aquele meu cabriúva dá pra tirá e o que tirá a madera é minha! Morava na serra! Aquele era tirador de madera: trama, palanque. Tirô isso, diz aquela minha madera não era pra tirá! Meu cabriúva!

O mês dele enciá o cavalo, dormia ao meio-dia lá! Na cabriúva, tava o dinheiro enterrado lá! Que foi levado um surrão, parece que era. Naquele tempo que era um coro, fazia uma bolsa com coro de gado, o tal de surrão de coro! Levô, a véia dele ajudô até. Deu otro cavalo pra ele, e otro cavalero!

Ele vortô ali umas hora, só com a cavadera! Dexô enterrado. E ele tava no cabriúva aquele. Quando o cumpadre disse: o cumpadre [...] morrendo tem que lá achá o dinheiro dele! Duvido que não achá!

O véio morreu, o otro saía pra cá, na casa dele, por causa dele. Desde os fio dele mesmo, inté não sabio, achô que o pai deles tirô! Não fazio conta do véio! [...] Ele saía pra cá e vortava duns fundo onde tinha umas toça de taquara mambu, um oio d’água! E aparecia certas coisa por lá!

Eu - Que tipo de coisas apareciam, o senhor sabe?

Aparecia gente! Figura de gente, baruido de gente caminhando. Aparecia lá! Então, desconfio que esse dinheiro ele tirasse lá e guardasse notro lugar! Trocasse de lugar!

Aquí tem otra fazenda também, que agora nós vamo lá, coisa de enterro! Parece que tem um pé de ariticum, conhece o ariticum? É uma árvore do mato! Até é remédio a casca!

De noite, vem um carçado de bota, estralando, bem no pé de ariticum. Tá de baxo! Era fazenda véia! Tá de baxo! Mais, isso é um troço que não é fácil!”

(...)

Sobre a morte de seu irmão e a existência de um “guardado” no galpão onde dormia contou o seguinte:

“Bom, ele vivia escondendo aquilo ali! E esse, que anda doente vinha quatro, cinco veiz aqui, por dia, por semana! Pra nós tirá, diz-que é dinheiro, que durmia um junto com ele no garpão, junto, um bugre! Enxergava né! Deitado na cama!

Eu - Um bugre?

É! Os guarani, de certo! Isso aí, tem gente enterrada em quarqué parte, por aí! Porque mataro, né! Mais, diz ele, que depois, dizia o finado Nerso mesmo, o pai dele, que ele não durmia mais com a luz apagada! Era só acesa, tava agarrando receio, né! Mais, ele era contra! Agora, a mãe dele, eu falei com ela esses dia. Digo, mais cumadre, isso aí não, isso aí não presta! Quem sabe demo uma verificada, se tivé, tiremo!

Ela é crente! É, mais e Deus? Cumadre Morena, o finado Nerso, pois foro me contá que viu uma cobra, no meio-dia, nas terra do, esse um, e era nas terra, depois ele morreu! Deus o livre! Isso não presta! Sei de gente que teve que se mudá de lugar por causa disso aí! E, quando não tira, é um doente, ou é uma coisa ou outra, né!”

(...)

“Sei que tinha um capão de branquio pra traiz do garpão e a pionada da granja, né! O dono tava ali, o dono da terra, da granja, cuidando!

Tinha um quadro de tijolo no branquio, tinha um metro, mais o meno, tinha dias a tal de canastra, enterrada cheia de dinheiro-oro. Ele cuidando! Diz-que, quando caía morto, lá! Levava pro médico. É, não acontecia nada! Qué dizê, levavo! Que ele caiu no meio da pionada lá, levaro num espiritista, né! Mais, tu não tem doença nenhuma!

A tua doença, sabe qualé? É tu andá cuidando o que não é teu lá, pros otro não mexê, viu! É isso aí!

É o seguinte, o cara não pode, por exemplo, se tem ali e tá cuidando pro otro não mexê. É o seguinte, se é pra mim, o otro não tira! Claro, né! Não tem que cuidá, não é meu! Não dá!

É tudo essas coisa, né! E, ali vem doença, vem tudo o que é coisa! Agora, vão levá ele, amanhã ou depois! Eles tão meio enganando ele, pra levá, pra fazê exame. Vão levá pra Caxias do Sul!

Eu - Mas, o que ele teve. Ele estava com problema na cabeça?

Ele, sabe o quê que ele começô a bebê em quantia! E encadecá¹⁰ naquele dinheiro lá pra tirá! Tinha que comprá a camionete, eu falei pra você! E aquilo, de certo, foi pros nelvo, foi enfraquecendo, né!

Esses dia levaro, levaro uns apareio pra Ijuí! Pra não morrê no caminho! Levaro quaje morto! Agora, tá em casa, vão levá pra lá!

Se é ali na casa, porque lá tinha cavocado, que é aquele terreno ali, naquele tempo não tava cortado! Eu arrumei com o sub-prefeito pra mim fazê casa ali! Tinha um buraquinho que uma muié é viva! Tá’li, sonhô quando era guria que tinha um guardado, ela contô dois, três cavocando! Então, não tiraro! Então, ficô até agora naquilo lá!

10 Encadecá, segundo seu Emílio significa pensar em algo em demasia, como uma fixação.

Mais foi visto, a neta dela, criada deles: viu um vurto duma véinha na porta da casa, uma velinha acesa na mão! É a dona do dinheiro que tá cuidando, né! Parenta da coisa... eu sei de mais argum! Tudo tá meio rico!”

(...)

“Esses dia eu descí ali, fui co Pedro, faláro em dois coquero, lá tem um só! O coquero é num barranco! E tem um oco na cepa do coquero assim, parece uma porta!

É, no barranco! Eu andei lá e descí do lado de lá dos potrero, dos crente ali! Não achei e vortei então, quero vê se acho, tem cruzador! A muié mora desse lado. Vai lá embaxo, ali tem um triinho dela cruzá pra lavora! Não tem! É ali no passito. Se tivé chovendo, aí ímo a barco! E aquele dia eu tava com o pêndulo daquele lado e vi o baruio, dois guri, tá pescando. Tá, mais não pega nada! Lambari!

Não adianta botá rede n’água, não pega nada, nada! Tá ruim ali, porque a vida é dele, tá ruim, a vida dele é cavocá! Aquêle dia não desmoronemo aquela sanga, lá embaxo!

É, tinha sonhado, desmoronemo aquilo. Tinha um barranco ali, fundo, não tinha nada! Ah, aquilo é uma sanga! Mais, ali no passito, cruzava!

Ali, nós descemo, não era vila ainda! Um caboclo, dois. Aí, digo, dá uma campiada, era um pique. Opa! Diz, aqui não dá! Ô, porquê? É meio brabo!

Não sei o que é que ele sentiu ali! Andemo por aí, vortei, era três hora da madrugada. E aí, chegô ali, digo, nós não descobrimo nada pra lá, vamo vê, quem sabe, se tenteamo esse aí! Não, não, não! Esse eu não quero, esse eu não quero [...] Eu não sei o que é isso aí! Eu não sei o quê que ele sentiu ali naquele buraco que eu fiz! Não quis lidá!

Eu - É, tem uns mistérios?

É, isso aí tem, com certeza, tem muitas coisa (murmurando)! Vi, aqui do, pra cá do trevo, que eu vim pra cá. Tava prantando umas terra com esse meu ermão. Tava parando na morada dele! Assim, como tá o vento, vinha do lado de lá né, fazendo assim pra nós, pra cá! O ar saiu de lá! Uma bolita de fogo, mais o meno assim! Bem vermeio! Parecia oro aquilo! No ar aquilo correndo! Veio anssim, caiu lá nos açúde que tem pra cá, praquele lado. Aquêle bolão laranjado! Coisa mais linda! Fiquei só oiando pra onde ia! Veio, veio, baxô numa descida, longe! É a tal mãe de oro!

Ah, eu vi aqui no Entre-Ijuí. Nós ia carpi, eu e a guria, clariando o dia. Nós saía pra fora da casa, sempre nós saía no clariá do dia! Deu um clarão! Cruzô por cima de nós, tipo dum lagarto!

Foi num cerro, num mato assim do lado da cerca, entrô no mato a dentro! Sumiu! Essa é a tal mãe de oro! Mais é um lagartão! Cruzô baxinho! Caiu tudo no fundo!

Eu - E, seu Juca, e o boitatá, o senhor já ouviu falar no boitatá?

É!

Eu - Como é o boitatá?

É, o boitatá, diz-que, o camarada facilitando ele vem nele! Queima tudo as unha! Mais, prele não vim no cara, tendo uma faca, atravessa cumprido com o fio virado pra baxo, na boca dele!

Eu - Ah, atravessa a faca na boca dele?

É, e se tivé um laço também, estendê lá e ele não cruza o laço por cima!

Aqui deu, o cumpadre ca cumadre! Morre os dois e, depois fico se batendo, dois fogo junto! Porque eles aspo¹¹!... Ele usa isso, a cumadre co cumpadre, e vira em fogo, depois! Diz-que é isso aí! Depois, morre os dois, eles ando ansim, se batendo naquele fogo!

Eu - E tem uma cor diferente o fogo, não tem?

É azul!

Eu - Azul!

É, deferente, azul! Ele pexa, um no otro!... É, e diz-que, facilitando, ele vem no cara e queima as unha!

Eu - E aparece no campo?

É, aparece no campo! Conforme, as veiz, numa tapera, onde moraro, né! Na tapera aparece! Aquele, diz-que é o boitatá! É perigoso! Mais, se ele tem uma faca, atravessando o fio virado, isso ele não vem!... É, diz-que é dois espírito! Vira em fogo, porque são a cumadre co cumpadre! Se entrevero, então, quando morre não... tão naquela, diz-que é!

Agora, aquele, o boitatá, diz-que não tem nada que vê com cobra... como tem muitas coisa que aparece, não é dinheiro! Não é oro! As veiz, mato o miserável de judiaria, vem aparecê, depois daquilo ali!

Eu - Nessas épocas de revolução aí, de guerra, morreu muita gente!

É, bá, judiado!

Eu - Degola, essas coisas, né?

É, mato, largo meio vivo n'água, queimo! Faiz de tudo, né! Já tão praquilo, né! Então, aí, muita coisa não é certo, não é dinheiro! Agora, acredito que ejiste dinheiro nessas fazenda! Aquilo ali sempre eles tavo guardando!

Um peão achô e contô pro patrão! Aí tem um dinheiro, tá aparecendo! Foi lá, lá tem, né!

A casa é parede de pedra, desse tipo das ruína! Do tempo dos jesuíta! Do tempo que... pois, aí tinha gente aqui que disse que tinha enterrado... Eu acho que se botasse em carroça, dava carroçada de dinheiro-oro!”

4 REFLEXÕES ACERCA DOS GUARDADOS A PARTIR DA ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO NAS TERRAS MISSIONEIRAS

As imagens relativas ao fantástico nas terras missioneiras estão relacionadas ao processo turbulento experienciado pelos moradores locais diante dos diversos conflitos políticos que ocorreram na região. Nota-se que tais eventos foram acompanhados por enfrentamentos bélicos marcados pela extrema violência desde pelo menos os Setecentos, quando se deu a derrocada da experiência civilizacional jesuítico-guarani, passando pelas revoltas e revoluções que assolaram a região em períodos posteriores, indicando o que alguns denominaram de “bestialização do humano”, figurando como cenário de chacinas e agitando

11 “Aspas” significa o mesmo que “guampas”, cornos. Certa vez dona Cleni, uma das interlocutoras da pesquisa, comentou o seguinte: “É os toro brigando, batendo chifre, é o boitatá!”

as suas camadas temporais, sendo que a potência das imagens do terror vibra no tempo enquanto dura na memória coletiva de seus antigos habitantes.

A partir da experiência etnográfica junto aos contadores de causos nas Missões foi possível perceber que o caráter misterioso que emerge das narrativas encontra, nas paisagens locais, uma ambiência profícua, onde constelam imagens do fantástico relativas a enterramentos de dinheiro ao longo de três séculos. Sendo assim, as narrativas sobre os enterros de dinheiro estão relacionadas diretamente a eventos marcantes na região, tais como: 1) a expulsão dos jesuítas no século XVIII pela política impetrada pelo Marquês do Pombal na região – os missioneiros mencionam “os jesuítas que fugiro” e que teriam enterrado as suas fortunas (ouro, moedas, alfaias) ao longo das rotas de fuga; 2) as guerrilhas fronteiriças e intestinas que faziam com que os fazendeiros, diante dos constantes ataques das hordas de guerreiros saqueadores, enterrassem o seu dinheiro, buscando protegê-lo.

As narrativas de seu Juca Tigre evocam imagens que, se por um lado, embaralham tais episódios, por outro, indicam situações relacionadas a eventos específicos vinculados à “cultura do terror” marcada pela “fragmentação do outro” (TAUSSIG, 1993) que tomba descarnado através da lâmina, lança ou bala. A experiência violenta da guerra é revelada pelo narrador através da transfiguração histórica pelo mito, que redimensiona o evento pela potência das imagens do terror refiguradas no insólito e no monstruoso – espíritos hediondos que guardam o tesouro, ou animais fantásticos.

As narrativas são ambientadas em lugares onde as ações cotidianas da vida campeira se efetivam, ou ainda, nas paisagens praticadas pelo homem missioneiro, aparecendo como cenários dos causos insólitos ligados aos guardados sob a proteção atenta de um espírito – um escravo abatido pelo fazendeiro, um jesuíta, um índio, um animal – que permanece junto ao tesouro zelando por ele, assustando os incautos e causando doenças àqueles que tentam tirá-lo pelo fato de não serem os predestinados a recebê-lo.

A dimensão onírica da experiência com o guardado é de grande importância para encontrá-lo, pois o sujeito “recebe em sonho” o espírito guardador do tesouro que por intermédio das imagens oníricas desvela os segredos que traz consigo, “dando” o tesouro àquele que sonha. Portanto, somente àquele que é dado o dinheiro-oro é possível retirá-lo das profundezas da terra, ou do local em que está oculto.

Também fica clara a engenhosidade dos sujeitos em trapacear e as situações jocosas quando se pensa nas táticas dos missioneiros para obter a riqueza, e assim desencantá-la – realizar ações exigidas pelo espírito para a liberação da fortuna e evitar que ela encante, ou ainda, que desapareça.

Nas narrativas de seu Juca Tigre aparecem imagens importantes que constelam em torno à figura do guardado, todas relacionadas à sua presença nas paisagens missioneiras. Ora, a constatação da presença de espíritos e dos malefícios causados por eles, no caso, doenças misteriosas; de bolas de fogo que cruzam o tempo noturno missioneiro indicando a presença de tesouros ocultos junto às cançadas; a presença das grandes árvores como locais privilegiados de enterramento de tesouros e, mesmo, de lugares ordinários e praticados cotidianamente que resguardam secretamente fortunas – paredes de fazendas, proximidades das casas, árvores das proximidades da morada – são elementos recorrentes em torno do imaginário dos tesouros escondidos no contexto das Missões gaúchas e que constituem imagens vinculadas às complexas tessituras das intrigas narrativas conhecidas como causos, os quais estão intimamente ligados ao “trabalho da memória” no sentido da perdurância de valores importantes para os coletivos humanos missioneiros .

O boitatá diferentemente das bolas e luzes de fogo ("mãe de oro"), não indica a presença do dinheiro-oro enterrado, uma vez que surge constituindo uma paisagem fantástica missioneira como decorrência de um fado – um fadário, como diriam às vezes – pois a entidade imaginária representa as relações incestuosas entre o compadre e a comadre, indicando a expressão de um pecado que persiste nas paisagens como um signo do interdito violado, assustando os missioneiros. Nas paisagens fantásticas, as luzes em forma de “lagarto” são as "mães de oro" enquanto que as duas bolas de luz que se batem constantemente é o boitatá. No panteão de entidades fantásticas que pulsa no universo sutil missioneiro, os enterros de dinheiro são a materialidade das “formas sensíveis da vida social” (SANSOT, 1986) que anima aquelas paisagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas sobre os “enterramentos de dinheiro-oro” nas Missões gaúchas animam o imaginário dos moradores da região ao evocarem as imagens de outrora que estão relacionadas com eventos marcadamente traumáticos, os quais revelam as turbulências do

tempo na região missioneira. A memória coletiva persiste como potência de veiculação de imagens e sentidos no contexto missioneiro, mediante o ato inteligente dos contadores de elaborar tessituras de fatos e episódios – a intriga narrativa para Ricoeur (1994) – e de narrá-los aos outros, mesclando as experiências dos sujeitos com o terrificante e o fantástico na composição dos causos, capazes de nutrir o vivido com tais histórias e, desta forma, de propiciar hermenêuticas locais tanto das paisagens quanto de sua historicidade. Seu Juca Tigre é um dos mestres narradores que através de seus causos, permite que as lembranças e os esquecimentos dinamizem o mundo missioneiro através da função fantástica da memória e seus jogos (ROCHA e ECKERT, 2000) nas Missões sul-riograndenses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BENJAMIN, W. *O Narrador*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CERTEAU, Michel. de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. V. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. “CULTURA POPULAR”: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p.179-192.

FREYRE, G. *Problemas Brasileiros de Antropologia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio/MEC, 1973.

LEZAMA LIMA, J. *A expressão americana*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Papyrus, Vols. I, 1994.

ROCHA, A. L. C. da. E ECKERT, C. Os jogos da memória. *ILHA*, Florianópolis: 2000, ps. 71-84.

SANSOT, Pierre. *Les formes sensibles de la vie sociale*. Paris, PUF, 1986.

SILVA, B. O. *Missões. Um vocabulário à parte. Assim se falava no campo e na cidade em São Borja nas décadas de 1940-1950*. Porto Alegre, 2000.

SILVEIRA, F. L. A. da. *As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens. Estudo da memória coletiva dos contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

_____. Da etnografia como experiência à antropologia histórica e por imagens. In: MARTINS, J. de S.; ECKERT, C e CAIUBY NOVAES, S. (orgs.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2005a, pp. 255-269.

_____. Assombros e desenterros de dinheiro nas paisagens missioneiras do Rio Grande do Sul. *Habitus*: Goiânia, 1(3), 2005b, pp. 11-40.

TAUSSIG, M. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

ZUMTHOR, P. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

[Recebido: 25.mai.11 - Aceito: 11.jun.11]